



# AZUL

ANNO I.

Pela Arte

TOMO I.

*Redacção*

*Santa Rita Junior, Evaristo Pernetta, Nicolau dos Santos, Adolpho Werneck, Euclides Bandeira e Thiago Peixoto.*

Curityba, 15 de Abril de 1900

## „AZUL“

Deliciosa revista de Arte, publicada nesta Capital, sob a redacção de Santa Rita Jun<sup>ior</sup>, Evaristo Pernetta, N. dos Santos, Adolpho Werneck, E. Bandeira e Thiago Peixoto.

O *Azul* traçou linha fidalga e superiormente bella, numa brilhante acclamação de talento.

Foi com intenso prazer, vibrando á recordaçao das rubras auroras das batalhas feridas, e pelo Sonho e pela Arte, — que vi passar marcial e garbosa, a calvagada brilhante dos novos Templarios, — caminho da eterna Jeruzalem da Belleza Immortal. Levavam a esperança no olhar e alleluias na alma. O brilho de linho alvíssimo destacava-se, ao longe, no esfuminhamento de magnifica tarde de Outono.

— Salve! Cavalleiros, que vos vades impavidos e fortes, em defensão de vossa Dama, em defensão de vossa Crença!

Vão-se per longes terras, combater monstros, romper lances pela dama pulcherrima — D. ARTE. Vão-se!... Com que saudade os vejo, que passam — marciaes e garbosos, — para a Jeruzalem do Sonho, para a Jeruzalem do Amor!

Cavalleiros, — da ala dos Namorados, — vão-se, pela sua Dama e pela sua Crença, romper lances, conquistar laureis!

O Beanteant symbolico fluctua!  
— Salve!

Ide, valerosos! Levao-o bem longe e bem alto, nas ameias argenteas do Sonho!

Como vós, outrora, outros Cruzados se foram, numa guerra sancta, — Templarios da Idea, — para a eterna Jeruzalem da Belleza Immortal! Uns se ficaram mortos, em terras de Infieis; voltaram outros, triumphantes, a fronte engrinaldada de louros, a alma cingida num halo fulgentissimo de victoria.

— Eu os vi, quando voltavam ja, — Magnificos, — flabellando as plumas dos elmos rutilos, calvagando corceis indomitos, numa apotheose!

Palmas estrugiam, estrugiam aplausos!

Era a mocidade desse tempo que os acclamava.

Seos nomes?... — São flaminhas de guerra; são hymnarios de luz; são marcos millarios, plantados nas mansões etherificas do ÁLEM, assignalando sublimes victorias.

Eil-os: — Emiliano Pernetta, Domingos Nascimento, Leoncio Correia, E. de Menezes, N. Victor...

Sempre que os vejo passar, — eu, que os applaudi e os acclamei, — saudo-os com amor, — Paladinos que são das primeiras cruzadas.

A vez chegon de tomarmos das armas.

E o CENACULO desenrolou o *Beauchant* das batalhas... Eram Silveira Netto, Julio Pernetta, Antonio Braga...

Amigos! Com que saudade recordo vossos nomes e relembro vossos feitos!... Eramos bem poucos!... Entanto, pelejamos trez longos annos, que foram trez séculos!...

Austeros celebrantes da Forma, alchimistas da Idea, sobrios e infatigaveis, — eu vos vi deixar os torreões sombrios onde se preparava a Grande Obra, eu vos vi cingir as armaduras de aço, impavidos e serenos, atravessando terras de Infieis, pelejando e vencendo, tramite das mansões beatificas, em o sidereo paiz da Belleza Immortal.

Amigos! Com que saudade recordo vossos nomes e relembro vossos feitos!...

Ah! com que saudade!

De novo agora o *Beauchant* fluctua!

Eia!

Ao longe, num longinquo phantastico e maravilhoso, scintillam os astros do AZUL.

Ide, valerosos!

As urzes fenecem nos caminhos, quando se fitam intensamente as Constellações do Infinito.

Desenrolastes uma flammula de guerra; levae-a bem longe e bem alto. Vossa missão de luz é magna.

— Templarios, recebei nossos aplausos.

Coritiba, 20 de Março de 1900.

DARIO VELLOZO.

## Qñm anjo

Vai para o cemiterio, as mãos em cruz  
Sobre o gelado peito.

O pae, sosinho, sem chorar, conduz  
O pequenino leito.

Rude aldeão que andava á chuva, ao frio,  
Elle tinha tambem

Animo forte, espirito sadio  
Como bem poucos têm.

Além disso, não era a vez primeira  
Que, cheio de conforto,  
Elle levava á estancia derradeira  
Algum filhinho morto.

A' noite, adoecera o camponez  
E á sua doce amiga

Perguntou-lhe o que tinha: — Pois não vés?  
Sinto grande fadiga...

O caixãosinho que eu levei ao hombro  
De tarde, á luz tão doce do arrebol,  
Pesava mais — disse elle com assombro —  
Que vinte enxadas moirejando ao sol!...

## Tempête

A. Heitor Lobo

Ante os meos olhos pavidos desfila  
Funambulescamente o bando irado  
De abantesmas crueis; a negra fila  
Que faz-me tiritar horrorizado!

Noite cruel! Noite infernal! Sibila  
E guincha o vento como exasperado  
Jaguar ferido, e, rija tamborila  
A chuva copiosa no telhado...

Tento embalde dormir... Em vão me enterro  
No leito fundo e revoltado e cerro  
Os olhos cheios de pavor... Em vão

Evito ouvir a rispida rajada  
Do vento frio, a fria gargalhada  
Que me traspassa e gela o coração...

ADOLPHO WERNECK.

## Estrelas de lucto

A Hypolito Pereira

\* \* \*

Bohemios sonhadores! parae e  
ouvi, porque é a saudade que  
vos falla...

Out'ora, como vos outros agora,  
ó trovadores medievos, eu andei  
sob esse claro céo constellado de  
estrelas que engrinaldam a lua  
nóva e sob balcões românticos —  
libertino feliz — á cantar trovas  
ciganas, ao som da guitarrilha,  
loiro, envolto no manto lantejoulado  
de luares côn de opala.

Brancas acacias coroadas dos  
caminhos brancos de areia: como  
eu amei a vossa sombra tranquilla!

Amando vestaes enamoradas,  
mulheres esculpturaes como as  
do Harem, repousava fatigado e  
feliz, ah! tão feliz sonhando, de-  
baixo dos vossos ramos tremulos,  
das vossas flores frescas da orva-  
lhada e do hymnario festivo dos  
vossos ninhos balouçantes. Ninhos  
e lyrios, rosas e estrelas, more-  
nas moças palradoras, tudo em  
flôr, floria no meo sonho.. ah!  
como recordo-me ainda... e com  
que saudade me recordo... En-  
tre verdes cannaviaes bravios,

oujas folhas finas cruzaram-se no ether, onde as inadegadas resplandeciam pastores debiam em cantares antigos, a agua espumante que cascataava fremente do alto florido dos serros anilados.

Pegureiros seguiam sorrindo peles descampados em sol e em flor, pastorejando o gado — mancha rubra sobre a esmeralda das alicatadas —

Pegureiros repousavam docemente a sombra fresca das palmeiras baloucantes.

Eu vos seguia tambem trovadores felizes... mas parei na estrada a olhar a Dama do meu sonho... a Dama de olhos negros...

Era tão bella... Ah' como era bella...

Foste seguindo bohemios ditosos e desaparecistes na folhagem em curva do caminho agreste, sob a paz serena das estrellas de Primavera e eu friuei parado na estrada a olhar aquelles olhos negros, aquelles negros abysmos coroados de sol e de luares.

Eram tão lindos... Ah! eram tão lindos!...

Quando á madrugada, em explosão forte de oiro e rosa, pulverisava aquelle cabello negro, eu tentei abandonar aquelles braços brancos abandonar aquelle collo — neve e rosa — e seguir os meos companheiros... Ah! mas os braços me prenderam tanto... tanto...

Hoje já não vos posso seguir o lado bando, peregrinos da esperanca...

A flor sideral da minha vida, a minha branca Dama enamorada, galgou a escadaria rútila dos astros, toda de negro como a cor dos seos olhos... toda de negro como a Primavera que ora envolve a minha alma...

O' minha — Flôr da Morte —

como era bella eu solucei por ella.

\* \* \*  
Não ouvis?! é a saudade que soluca e o sarcasmo que gargalha.

Como um cadáver de afogado, surge a nostalgia boiando indiferente e fria no pelago crespo d'esta magoa negra.

Esmagado nas mãos dos homens, nas lamas das ruas a pontas sangrentas de punhaes, eu vejo rolando o meu primeiro sonho...

Hoje, bohemios ditosos, eu não vos posso mais seguir o lado bando... Não vos posso mais seguir... Cantaes no templo da alegria e eu solucei por Ella, na cathedral da morte.

O' crepusculos da Primavera, que é feito da minha Dama? que é feito da minha guitarilha?

Eu vos contemplo de longe ah! mas de tão infinitamente longe, como um exilado cruel do passado, que canta madrigaes e requiens, no fundo da minha alma.

\* \* \*

Olhos extintos! ó negros passaros ageirentos, no entanto eu ainda sinto que vós vos debateis afflictamente, nervosamente, re-cortando o Azul da minha alma, ó Estrellas de lucto! O' olhos extintos.

Como no fundo trevoso de uma gruta lobrega, onde a luz não penetra, no sacrario do meu coração, Olhae, o Iris da esperanca não resplandece e a guitarilha, não suspira mais...

O' minha Dama! O' minha Dama!

SANTA RITA JUNIOR.



# Sonhos de Inverno

I

Loura manhan d'ouro e opala!  
Ha tanta flor no meu Jardim!  
Lyrios azuis em minha sala,  
Um cravo branco, outro carmim...

— Outomno em flor! vamos partir  
Voando alegres como abelhas...  
Vejo um lyrial lá no Porvir  
E as nossas flores são tão velhas...

II

O sol de Maio vem nascendo!  
Vamos correr pela campina...  
— Olha! O orvalho está tremendo  
Naquella petala de bonina!

Lá no horizonte a minha Santa,  
A Deusa calma da Esperança,  
Alegre, em festa, como canta!...  
Como esta vista agora alcança!...

III

Ora! A jornada foi perdida...  
Já entrou o sol, não temos lúa.  
Que estrada é esta tão comprida?  
— Que sombra é aquella que fluctua?

Coritiba, 1900.

IV

No campo o Norte é muito frio,  
Vamos ficar nesta floresta  
Vêde quem passa alli... Psiol!...  
— Uma Senhora! — Vae a festa.

A festa! a festa! que delicia!  
Vamos seguir-a... Quem será?  
Para!... Quem é? — Dona Felicia,  
Minha Rainha de Sabá! —

Que Fortuna! Minha Esperança...  
Como Ella vence o seu caminho!  
Como Ella corre e não se cansa  
E nesta estrada ha tanto espinho!

V

Dona Felicia, Dona Ingrata,  
Passou, perdeu-se pelo ar...  
— Lá vem a lúa cor de prata!  
Vamos voltar, vamos voltar...

VI

Ai! vem a Neve em grande gala!  
(Flores não ha no meu Jardim.)  
Oh! quanta Dor na minha sala...  
Nem um amor, nem um jasmin!

Generoso Borges.

## Idyllio Macabro

Eu ia em meio do meu idyllio  
Mais branco e puro do que a luz...  
Menos suave que os de Virgilio;  
Mas de repente... (iabo! cruz!)

Entrou um Azar, vago, risonho,  
Achou a luz tão bella e záz!  
Apaga a luz que era o meu sonho,  
Fiquei no escuro... Satanaz!

Ah! Guiomar! ah Guiomar!  
Porque te fui assim amar?  
Entrou um Azar, vago, risonho,  
Apaga a luz que era o meu sonho!

Evaristo Pernetta.

# Atrabilis

*La Poésie du Silence*

Perto, ali em baixo, quasi a beijar-lhe os pés, bajuladoramente n'um desplante cynico de aulico, murmurinhava o largo mar terrivel, servil e blandicioso agora, a ondear ondeante, a ondular preguiçosamente, — anémonas e nenuphares a balouçar, feliz, — estirando-se na areia com alquebramentos languidos de sultão vadio dormindo a sesta — turbante a relar por terra, fronte caída no alvo regaço da favorita e lubrica odalisca. Vinha de manso, subtilmente, a smorzar em surdina a dolencia emocionadora e vaga de singellas canções bohemias — threnos saudosos de erradios zingaros — galgando a praia, desdobrando-se, alargando-se, fazendo-se plano, inteiramente plano.

Nenhuma onda ou vagalhão tardio arripiava-lhe a superficie de esmeralda-azul cambianto que o sol nascente espalmando, lá muito além, a loura ventarola astral de luz, illuminava, esmaltando-a de um chamalote bizarramente magico.

Calmo e deserto.

Apenas longe, muito ao longe, mal disinctas e brumosas, velas ao vento, velejando, brancas velas, bujarronas himpadas e vencedoras, a singrar, buscando novas plagas, singrando a buscar outros signos ignorados. . D'ali, do cabeco da esguia fraga, coberta de salsugem e de algas, escolhida para sua rocha Tarpeia, era tudo o que elle descortinava correndo a vista pelo horisonte todo.

Ah! mas ante tamanha bonanca, ante aquella placidez solemne, elle sentia no intimo, envenenando-o, a bilis verde-negra extravasar, ramificar-se pelo corpo

inteiro, enraivecendo-o, sacudindo-o, fazendo-o amaldiçoar o velho mar indomito que, justamente n'aquelle manhã preferida para o seo exilio da Vida, apresentava-se-lhe ineffensivo e bom quando elle queria-o enfurecido e mau — juba ericada, cravando as prezas felinas nos arrecifes tombados as margens, indifferentes e quedos, como extensa fila de crocodilos hypnotizados...

Não! não seria n'aquelle lago tranquillo, que tinha a cordura innata das ovelhas mansas, como os lagos azues das balhadilhas da Irlanda, que elle iria dormir o derradeiro sonno. Não! Teria uma morte deliciosa e o seo cadaver depois passearia, fluctuando por sobre as ondas como si andasse suspenso á um pallio de espumas e elle queria agoniar luctando com os vagalhões uivantes até ser despedaçado de encontro as penedias rudes — em estilhas o coração magoado, bipartido o cráneo de sonhador... Era esse todo seo desejo, expellir derradeiro hausto de vida luctando a semelhança de heroés impavidos succumbindo ao fragor da ultima batalha, porque sabia-se, não enganava-o sua idiosyncrasia, moldado para todos os embates, talhado, talvez, para gladiador — frente a frente de hyenas n'uma justa de morte — por isso queria combater até as Vascas Supremas!

Em toda sua perinigracão pela terra tinha sido esse o seo fauario e se agora — cavalleiro antigo despindo a armadura de aço — pedia refugio ao seio mysterioso das aguas era porque estava enauseado do convivio dos homens, farto de vér tantas humilhações e tanto aviltamento. Morreria, sim, não n'uma alvorada couro aquella tão dolentadora e placida, tão ontonal e clara, mas n'un dia em que o mar estivesse batido por todos os ventos e o

ceo fosse de chumbo zebrado de zigzagues de fogo.

Ah! mas, quem sabe!... Talvez tivesse razão o taciturno Oceano!.. Quem vinha do paul de todas as mizerias — do Mundo — quem abandonava esse couto de vilanias e torpezas, devia, parar um funeral condigno — me-

recida apotheose a uma existência passada num marcel de perdidos — sepultar-se ali, n'aquele mar chão, numa hora assim, de plena calmaria pôde...

Ali!... Talvez tivesse razão o velho Oceano!...

## *Europa-Bundeisen*

# Velha historia

to J. Leite

*As derradeiras folhas tombam . . . frio  
Soluca o vento . . . Quem responderá ?!*

R. Szweda

„Ninguem!“

— inurmura — e rapido saltando  
do fogoso corsél, ganha o jardim . . .

Nas guaritas ninguem ! E contornando  
o fosso, alegre sóbe ao varandim !

Noite velha! porem alguem velando,  
vê com pavôr um vulto vir assim . . .

Quem será? de subito alarmando  
o castello do conde Villarim.

Das ogivas pendiam n'outro dia  
crepe, lucto, fúgio toda a alegria . . .  
Jamais se viu a dona do solar . . .

Apenas se fallava pela aldeia,  
que encontraram em noite escura e feia,  
um cavallo sem dено a galopar . . .

*'Thiago Peixoto.*



## Nomeadas universaes

Chateaubriand.

Concluse.

E muito bom, muito util aprender estudar, leras lingoaas vivas, quando a gente se consagra as lettras, muito perigoso falal-as e, sobretudo, muito perigoso escrevel-as.

Assim, não mais se exalçarão esses colossos de gloria, cuja grandeza as nações e os seculos igualmente reconhecem. Em Viena, em Petersburgo, em Berlim, em Londres, em Lisboa, em Madrid, em Roma, em Paris — não se fará jamais, de um poeta alemão, inglez, portuguez, hespanhol, italiano, francez, a idéa una e analoga que ahi se forma de Virgilio e de Homero. Nós, grandes homens, contamos encher o mundo com o nosso renome; todavia, nem elle conseguira quasi transpor o limite em que expira a nossa lingoa. Não passaria, acaaso, o tempo das dominações supremas? Não se acabaram, porventura, as aristocracias?...

Outra causa actúa sobre a ruina das reputações: a liberdade, o espirito nivelador e incréo, o odio ás superioridades, a anarchia das idéas, a democracia, enfim, invadio a litteratura, como, aliás, o resto da sociedade. Não mais se reconhecem mestres e autoridades; não se admittem mais regras; não se aceitam mais opiniões formadas, e recebido no Parnaso o livre exame da mesma sorte que em politica e em religiao, como consequencia do progresso do seculo. Cada qual

julta, e arroga-se o direito de julgar, conforme suas luzes, seu gosto, seu systema, seu odio, ou seu amor. D'ahi uma turba de immortaes, encerrados no circulo de sua escola e de seus amigos, e que são desconhecidos ou assoviados no vizinho destricto.

Tal é a natureza humana, particularmente em França: se possuimos alguns talentos, apressamo-nos a depreciá-los. Após havelos exaltado ao pinaculo, fazemolos rolar pela lama.

Hoje tudo envelhece em algumas horas: marcesce uma reputação, em um momento passa uma obra.

Na epoca em que vivemos, cada lustro vale um seculo; a sociedade morre e se renova todos os dez annos.

Adeos, pois, toda a diurna gloria *universalmente* reconhecida. Quem escreve na expectativa de um nome sacrifica a vida á mais tola como á mais van das chimeras.

*Aristides França.*



AZUL, a régia prosa tersa que fulgura, lá mais para a frente, trasladamos do CLUB CORITIBANO, (nr. 3 deste anno) a conhecida revista dirigida pelo laureado Artista Dario Vellozo.

„PAGINA“ exquesita essa, lavorada por espiritos de élite, que vem de aparecer em Florianopolis.

Ao bizarro collega, saudações.

*Expediente.*

O AZUL será publicado quinzenalmente.

**ASSIGNATURA:**

2 mil rs. por trimestre.

**REDACÇÃO:**

**PRACA DA REPUBLICA N. 4**

— In „Typ. Der Beobachter“ —  
Travessa da Proclamação Nr. 5.  
CURITIBA,